

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 10 DE FEVEREIRO DE 1856.

N. 10.

PARTE LITTERARIA.

UMA AVENTURA NO AMAZONAS.

II.

Quando em 1735, a Academia das Scienças resolveu enviar alguns sabios para os pólos, e sob o Equador, assim de medir os gráos terrestres, Mr. Godin, habil astronomo, foi designado para acompanhar ao Perú o celebre Condamine. Mr. Godin levou consigo um de seus proximos parentes, que tinha ajuntado ao seu nome o de uma terra, e que se chamava Godin des Odonais. Este engenheiro, cheio de zelo e instrucao, não tinha podido decidir-se a deixar na Europa sua joven mulher, interessante e de perfeita saude, e esta resolveu acompanhal-o ás diversas estações, que elle devia ocupar no meio dos Andes, para secundar os astronomas em seus trabalhos; por algum tempo ella demorou-se em Quito; os prazeres a cercaram, mas nem o luxo quasi oriental da capital do Perú, nem a opulencia real que ali reinava então, nem a pompa christã que se confundia ainda com a lembrança da pompa dos Incas, nada lhe fazia esquecer a França. Entretanto sua familia a acompanhava; estava perto de seus irmãos; seu pac, Mr. de Grandmaison, tinha abandonado sua província para acompanhal-a: tinha tido muitos filhos, e amava-os com essa ternura que sente que uma patria real falta a um filho, nascido longe do paiz de sua mãe, e que deve-se procurar restituir-lh'a á força de amor. A maior parte de seus filhos morreram, e d'ahi dataram suas desgraças. Seu marido, depois de ter percorrido as alturas das cordilheiras, viu-se obrigado a passar ás margens do outro oceano, interpondo entre si e sua mulher, quinhentas leguas de terras deshabitadas.

Não é presumivel porém que tomasse tal resolução, se supposse um instante que dezenove longos annos se passariam, sem ver essa mulher, que tudo tinha abandonado para seguir-o, e á qual amava em extremo.

Durante a ausencia de seu marido, Madame Godin tinha ido fixar-se com suas filhas no Rio-Bamba, cidade desgraçada, que breve devia desaparecer, por efeito de uma terrivel convulsão da natureza.

O companheiro dos academicos, partindo de

Quito em 1749, tinha felizmente chegado a Cayenna, depois de ter descido o Amazones; e desde sua chegada á colonia franceza, e nela sua missão, fez numerosos esforços, para obter passaportes do governo portuguez, assim de ir reunir-se a Madame des Odonais; queria embarcar-se com ella para Europa, mas a guerra tinha aparecido, os passaportes foram recusados, e as cartas interceptadas ou perdidas. As comunicações teriam sido menos dificeis, se em lugar d'esse grande rio de desertas margens, cujas solidões tão poucos viajantes afrontavam, o mar estivesse interposto aos dous esposos.

Em 1765 finalmente, quando Mr. des Odonais ia tornar a subir o Amazonas, foi atacado de uma perigosa molestia, e por um encadeamento mysterioso de dôres, uma filha de dezoito annos, que tinha nascido durante sua ausencia succumbiu no Rio Bamba, sem abraçar aquelle que tantas vezes a tinha sonhado, e que nunca devia conhecê-lo. Tal era o destino d'essa familia desgraçada, que um pac devia regozijar-se com essa morte, privada ao menos de horriveis agoniais.

Entretanto, depois dos primeiros dias de dôr, um vago rumor atravessando o deserto, tinha feito saber a Madame Godin des Odonais, que o rei de Portugal armára uma embarcação, destinada a fazel-a descer o grande rio, e que seu marido não podendo emprehender a viagem, tinha encarregado a Tristão de Orcasaval, de sua confiança, de substitui-lo, e de reunir em Cayenna uma familia, ha tanto tempo separada. As cartas interceptadas, ou perdidas nas missões que bordam o Maranhão, a criminosa insfreguidão do mensageiro, a fleugma dos missinarios, tudo apressou a horrivel catastrophe, sem que a prudencia humana nada pudesse suppor, ou prever por entre esses vagos rumores, esses preparativos interminaveis, que consumiam mezes e annos, e que preparavam a sanguinolenta tragedia, cuja tradição inda se conserva na America do Sul.

Finalmente, depois de recebidas diversas notícias, enviadas atravez das florestas, ou subindo os affluentes do Amazonas, Madame Godin des Odonais entrou no conhecimento de que um armamento do rei de Portugal a esperava nas altas missões, e que estava ainda sob o comando de Tristão de Orcasaval, enviado por Mr. Godin; ella achava-se ainda no Rio Bamba, e não hesitou um momento em emprehender a

immensa viagem, que devia restituil-a a seu marido. Corria o anno de 1772 e a missão dos academicos franceses estava completamente concluida.

Como se n'esse drama terrivel, cujo desenredo Madame Godin apressava, tivesse saltado um d'esses seres malévolos, que dão alguma coisa de mais fatal á desgraça, um homem bastante vil, para que a victima despresasse revelar seu nome, um frances veio sollicitar da viajante leval-o consigo, e esta cheia de horriveis presentimentos o recusava; mas era um medico, um compatriota desgraçado, dizia elle: concedeu-se-lhe passagem no navio que devia descer até a Goyanna.

Mr. de Grandmaison, pae de Madame Godin, tinha partido adiante, para tudo prevenir na passagem de sua filha.

Partiram do Rio-Bamba, seguindo sempre as margens de a'guns tributarios do Amazonas; a travessia foi ao principio feliz, mas os viajantes á medida que entravam na solidão, viam augmentarem-se as dificuldades, tornando-se logo insuperaveis, porque a bexiga assolava as missões, e despovoava as aldeias dos indios.

Chegam finalmente a um valle, onde só existiam dous habitantes, e é á mercê d'estes indios, que ficam para o futuro os viajantes, pois são elles que devem conduzil-os atravez d'esse dédulo de rios que sulcam o immenso deserto do Amazonas. Mas eis que quando a infeliz comitiva de mulheres e crianças se entranha nas solidões sem nome, os indios desapparecem..... achando-se assim privados de guias: para comprehendêr seu tormento, é necessario ter visto esses campos da America, sem signaes de fumo e habitações. Com tudo no meio do grande deserto encontram um pobre indio doente, que se presta a lhes servir de guia, mas o infeliz afoga-se, tentando apanhar no rio o chapéo do medico frances; ficam todos então á discrepção, ignorantes da manobra, deixando o barco ir á deriva; e vendo-o encher-se d'agoa vêem-se obrigados a desembarcar nas margens da immensa solidão, e a construir com grande dificuldade miseraveis cabanas de folhas; saltam porém cinco, ou seis dias de viagem para ganhar Andoces, estação conhecida.

No fim de algum tempo de perplexidade, o medico se oferece para ir procurar socorros, acompanhado por um negro fiel, pertencente a Madame des Odonaïs; mas quinze dias, um mez se passam, e ninguem aparece no deserto.

Os pobres viajantes fabricam então uma jangada, na qual embarcam alguns viveres, e de novo se aventuram ao rio; mas ah! um ramo encoberto abalrâa a fragil embarcação! Duas vezes Madame Godin é salva por seus irmãos, que a retiram do fundo das aguas.

Tendo apenas viveres para alguns dias, desprovido de tudo o que podia fazer supportar as incriveis fadigas que esperam o viajante n'esses paizes, a triste caravana segue o curso da Bobonasa, mas suas innumeraveis sinuosidades a atemorisa; decide entrar na floresta. Nunca pensamos, sem estremecer, n'essa sunbre marcha de alguns desgraçados, sempre ao acaaso, n'uma floresta illimitada, ignorando completamente a direcção, procurando com avidez alguns fructos selvagens, e muitas vezes não os achando; extrahindo algumas gottas d'goa nas bromélias, que as rocolhem nas suas largas folhas, encontrando-as com dificuldade, porque o sol as tem seccado.

Passados alguns dias, opprimidos pela necessidade, cahiram quasi todos; tentaram levantar-se, e sentiram que não tinham mais força para se mover: mas, no meio d'essa anciedade crescente, uma palavra de ternura respondia a um grito de dôr; uma palavra de esperança reanimava as forças abatidas.— Lembrem-se porém agora da nossa narração... todas essas desgraças pairam sobre a cabeça de uma mulher, pois que ella ficou só n'esses grandes bosques.

Incrivel poder de antigas recordações!... Como explicar essa existencia de uma fraca creatura no meio de tantos perigos, não sentindo a energia, que dá algumas vezes a um coração de mulher, um amôr de mãe, ou uma ternura de esposa!...

Algumas vezes nas grandes florestas americanas, nos representamos esse espetro vivo, de cabellos brancos, vestidos esfarrapados, cadeia de ouro que brilha sobre andrajos, pronunciando palavras sem sentido, parando para attender aos menores rumores, e olhando para o céo, esperando que algumas gottas de chuva viesssem desalateral-a; vendo fructos selvagens no cimo das arvores, seculares, envejando-os ás araras da floresta, esperando com profunda afflictão que cahissem alguns, não se sentindo apezar da fome, com força de apanhal-os. Nós a viamos trepando pelos cipós, procurando apanhar as amendoas nutritivas da Sapucaia, e cahindo com as hastes despedaçadas, como um grumete novo cahe das cordas, nos primeiros dias de sua chegada a bordo. Repentinamente ella se precipita sobre um d'esses fructos, despresado por algum animal selvagem; é a vida, sente que poderá viver um dia mais: algumas vezes são ovos esverdeados, que toma por ovos de Serpente, e apezar que a fome não possa extinguir um resto de profunda aversão, decide-se a alimentar-se com elles, porque é um dia que Deus lhe concede ainda, e um dia pôde salval-a.

Ella dormiria talvez, mas as myriadas dos mosquitos encarniçados em seus membros emagrecidos; os carrapatos, miniatura de carna-

guejos, que se ferram em sua pelle, chupando-lhe o sangue; o ligeiro rumor do lagarto que passa roçando as folhas, e que julga ser uma Serpente; o miado longo do Jaguar, os grunhidos do Urso da America, tudo na profunda obscuridade da noite, se oppunha ao seu repouso; e se a luz esverdeada dos pyrilampos vinha esclarecer essa noite funebre com seus tempestos passageiros, era para lhe mostrar todo o horror da selva, que ella procurava esquecer.

No nono dia o sol começava a descobrir as asperas magnificencias da floresta; Madame Godin caminhava silenciosa, calculando quanto podiam durar ainda as dores de suas agonias, quando repentinamente um rumor extraordinario a fez tremer. Inmóvel, escuta... teme ser algum animal feroz, algums desses homens das florestas, que nunca viram europeus, e cujo odio sanguinolento tem aumentado com a lembrança de seus compatriotas massacrados; quer fugir, regressar para o interior do bosque que ia abandonar. Uma reflexão rápida porém lhe faz lembrar que a desgraça não existe para ella, e que ha tão grandes misérias, que outras misérias não podem mais aumental-as; avança pois, e ouve o murmúrio das agoas; afasta os ramos, e vê em fim o rio Bobonasu, que se desliza com sua triste magestade. Sobre a margem do rio, indios amarravam uma canoa, e discutiam com a gravidade americana, se ficariam ali. Pouco depois não hesitam mais, entram para a floresta, porque perceberam a estrangeira... Ella não tinha fallado, e já o coração dos pobres indios lhe tinha dado hospitalidade: elles conhecem os sofrimentos da floresta.

Se impotentes tem sido nossas palavras para descrever os padecimentos de Madame des Odonaïs, mais inhabeis serão para pintar suas emoções de esperança: alegria, essa alma dilacerada durante bastantes annos, não devia mais sentir.

Chegada ás missões, a viajante quiz enriquecer para sempre esses pobres indios, que tão facilmente se enriquecem; mas olhando para suas vestes despedaçadas, só eram palavras de reconhecimento ardente, tudo o que podia oferecer a esses bons selvagens. Repentinamente lembra-se que uma dupla cadeia de ouro cerca seu pescoço, é tudo quanto possue, e considera-se feliz oferecendo-a aos indios. Elles não a gozaram muito tempo; o padre de sua missão a trocou por um grosso presente; mas foram compensados pela alegria natural de terem salvado a viajante.

Para que porém descrever sua chegada a Loreto, sua viagem pelo grande rio? Ella desceu a immensa corrente, cercada de desvelados cuidados, e reunida a seu pae, pôde sonhar algu-

mas idéas de felicidade, alguns doces principios de repouso: mas, nem a magnificencia das florestas que berdam o Maranhão durante mais de mil leguas, nem a magestade dos bosques que lhe sucedem, podiam distrahir a infeliz de suas terríveis recordações; ella as conservou ainda nesse momento desejado durante dezenove annos, e que apenas tinha a força de sentir. A ternura de Mr. des Odonaïs não pôde lhe fazer esquecer todos os seus sofrimentos, e quando socogadamente retirados ambos na terra que ella possuia em Saint-Arnand, no fundo do Berri, fallava-se em viagens, um tremor involuntario apoderava-se de todo o seu corpo, ficava muda, parecia-lhe ouvir as vozes da solidão, das quais a calma que a cercava, não podia extinguir o echo sinistro.

Pastantes annos depois de sua volta, fazia-se ver aos estrangeiros um grosso vestido de algodão, que lhe tinham dado os Indios do Amazonas, e olhava-se com uma especie de terror esses miseraveis sapatos, que ella tinha tirado dos mortos, para entrinhar-se na floresta; triste monumento do qual a viajante se não tinha querido separar.

Conta-se que quando ella entrava num bosque solitário, apoderava-se de um terror mudo, podendo-se ler em seus olhos a historia que só contou uma vez.

PARTE NOTICIOSA.

COMPANHIA SEROPEDICA.

A industria vai tomando entre nós as proporções de uma potencia social. Muitas das nossas capacidades intelectuaes consagram os seus desvelos a essa mina inesgotavel de riquezas publicas: tem nobilitado os misteres, defundindo captaes, moralisando o trabalho, e proporcionando emprego a centenares de braços, que estavam ociosos; porque tinham vergonha de substituir seus braços com os braços dos escravos.

N'estas felizes e auspiciosas circunstancias se acha a COMPANHIA SEROPEDICA, em cuja direcção se acha o muito ilustrado senador do império o Sr. João Antonio de Miranda.

A 30 do passado teve lugar uma reunião dos accionistas, enessa occasião o digno presidente leu um bem lançado e conscientioso relatorio do estado da companhia. Só uma poderosa intelligença como a do Sr. senador Miranda, só uma energia de vontade, como a sua, é que podiam elevar e consolidar a companhia na altura em que se acha; por que este ramo de industria era inteiramente hospede aos nossos habitantes comerciaes e industriais.

Peza-nos que a estreiteza das nossas columnas não nos permitta transcrever na sua integra essa importante pagina de nossa historia industrial, pedimos porém, e chama'mos a attenção dos leitores sobre os seguintes topicos:

O estabelecimento tem produzido 1,871 medidas de seda grege, pezando 335 libras, bem como 658 libras de seda struzza. Existem ainda em ser 1,3/4 de primeira qualidad. A attender-se ás dificuldades inseparaveis das primeiras epochas de emprezas d'esta ordem, ver-se-ha que é animador o producto.

O empenho que mostra o illustre presi lente de ir prudentemente substituindo os braços escravos pelo livres honra-o sobremaneira, e torna-o digno das bençãos de uma posteri lade regenerada. E' nossa opinião que a substituição dos braços captivos pelos de homens livres deve-se fazer em escala larga, como em minatura se está praticando no pessoal da companhia Seropédica: uma transição rapida produziria uma revolução administrativa e social; e a revolução é synonimo de cataclisma.

Felicitamos pois ao Sr. senador Miranda pelo estalo prospero e esperançoso da companhia, que tão dignamente dirige; e que um dia, como se exprime o Sr. conselheiro Lisboa, pôde tornar-se um *feril manancial de riqueza para o imperio*.

VARIEDADE.

CORRESPONDENCIA DE PARIS.

CARTA II.

Por onde começarei hoje? qual das historias do dia me deu mais no gosto? Nada, não quero historias, mas sim que me respondas a algumas perguntas.

Tu acreditas no mesmerismo, somnambulismo, magnetismo animal, ou como em direito melhor nome haja? Tem isso, como sistema medico, feito por ahi a mesma fortuna que a homeopathia? O que eu sei é que cá pela Europa, essa arte misteriosa conserva adeptos e apostolos, e serve para muitos usos, tão innocentes ás vezes como alguns que do chloroformio se citam.

Fosse a minha natureza, ou a educação dos papões, bruxas e lupis-homens, o certo é que eu sinto uma queda instinctiva para tudo quanto orça pelo maravilhoso; nem que me pellem, entraria n'uma igreja á meia noite; arripro-me ouvindo fallar de phantasmas; mu-lo de conversa quando me apontam presagios; e desadoro com um cão a gemit.

Namora-me portanto a idéa grande de suppor o universo mergulhado n'um ether: ver esse fluido subtilissimo penetrar todos os corpos, os vivos como os inorganicos; admirar um cidadão, que se apodera, com uns gatimanhos, d'essa substancia occulta, e apenas empalmada, dá leis á natureza.

E porque não? Todos nós temos visto uma pessoa, dormindo, levantar-se, e fazer cousas do arco da velha; na *Somnambula* de Bellini, aprelem os que o não viram, como pôde uma dorminhoca atravessar telhados á moda de gato, e pontes das taes que Mahomet nos descreve, sem o minimo risco, havendo-o só em acordar taes dormentes extemporaneamente. Ora se isto se dá, por uma super-excitación e innervação anormal, no somnambulismo natural, porque razão se hale prohibir alguma sciencia mais ao somnambulismo lucido? Exalta a intelligencia pensar que o individuo coloca-lo em condições physiologicas e moraes insolitas, fica na dependencia absoluta e exclusiva do seu magnetizador; lê sem auxilio de olhos; transpõe como o pensamento, florestas, mares, immensidades; narra o que a mil leguas se está passando; penetra nos pensamentos mais reconditos, arranca os mais perigosos segredos; por meio de um cabello dicta uma biographia, aquire o instincto das molestias e dos remedios; e deslanchando o facil passado e presente, antevê e subjuga o porvir. Torna-se o somnambulo como a machine de vapor, omnipotente, não para si, mas para a vontade de outro homem. Não é tudo isto deslumbrante, fascinador?

E com quanto esses somnambulismos, mesas girantes, e mais capitulos do mesmo livro, tenham algum tanto passado de moda, ainda por ahi não faltam delphicos templos em salas particulares, onde outras pythonissas, sem precisar pelles de serpente, senta'las em suas tripodes, entram e a furores ou collapsos, fallam com voz baixa e mal articulada, agitam-se, sapateiam e tripudiam, evocam manes de mortos, e prelizem futuros. Outras, menos impetuosas, obedecem á voz, ao gesto, á vontade do magnetizador; marcham, como entes sobrenaturaes, á ordem d'elle, a quem servem de instrumentos. Quem leu as *Memorias de um med'co*, de Dumas, não esqueceu mais as estremecidas scenas que o autor nos pinta n'esse genero, e em que o leitor fica suspenso e embevecido.

Ora agora, voltemos pagina.

No momento em que escrevo, começas tu a braços com o teu torrido estio, enquanto eu me abotoo com o principio do inverno: fugimos na Europa do campo para as cidades, como vós fugis da vossa formosa Guanabara para a Suissa de Petropolis, a esmeralda de Paquetá, o enfeitiçado Nictheroy, ou a alpina Tijuca. Vou contar-te uma historia de campo, cujo desenlace foi no mez passado, bem que os seus primeiros capitulos datem de 2 annos; se fores tomar ares ou banhos, não é impossivel que te apreveite.

Ali á porta está *Montereau*; dista apenas 40 leguas; tem caminho de ferro, e vai-se de Paris lá enquanto ahi chegas do Jardim Botanico a S. Christovam. Ali tem sua casa de campo apalaçada a *Larone a de Champ'atreux*, cuja idade serpenteia por aquella cordilheira nevala e vaporosa, de incerto perfil, que na mulher se chama 50 a 70 annos. Compõe-se a sua sociedade habitual de meia duzia de carcassas de ambos os sexos, vetustos destroços de passadas eras, com raras excepções. S. Ex. dirige-se... como quem dansa o menuete da corte;

faz a sua partida de whist, e discursa em baixa voz sobre os bons dias dos passados regimens, remontando até os salões do 1.º Napoleão.

Já se vê como tudo isso seria tedioso e intolerável para duas pessoas que, por sua ida le, faziam exceção na veneranda companhia, a saber *D. Emilia de Mirecour*, sobrinha da baroneza, falecida 25 maio, e *Alberto Bonneville*, filho de um antigo amigo da casa, com pouco mais de 30 annos. Este sujeitinho havia sido pupillo do barão, era como da família, imponha-se-lhe a obrigação de ir todos os estios passar umas semanas a Moutereau: verdadeira penitência.

A baroneza tinha manias tyrannicas, a que os seus hospedes se curvavam, já para fazerem a vontade á dona da casa, já porque senão quasi todos parentes, estavam de olho nos legados da opulenta e escanfrada vellusca. Das mil extravagâncias d'ella era uma o deitar-se com as gallinhas, e querer que todos se conformassem com a regra da casa; era de uma disciplina, que nem os vapores de Southampton lhe ganhavam; ao dar 10 horas, a baroneza fazia signal, e ca la iria se retirava ao seu aposento; um quarto de hora depois era preciso que todas as luzes estivessem apagadas (tinha medo do fogo), e que reinasse absoluto silêncio em todas as columnas; ai do viajante perdi-lo ou da visita retardataria que viesse, depois das 10 horas, tocar á porta do palaio! Nunca a baroneza houvera perdoado o toque da sineta de entrada, que houvesse perturbado o seu sonno.

Quanto á pobre *Emilia*, era forçada a passar em tal desterro todo o verão, na sua qualidade de sobrinha e de herdeira, porque assim lho exigia seu senhor e marido, o interesseiro *Mirecour*, que achava delicioso inumbrir a mulher de apapariar a herança, enquanto elle, tendo ficado poucos dias, tornaria o seu escaparate para Paris, a pretexto de negócios urgentíssimos.

Ora *Emilia* era citada como mulher de muito talento, e *Alberto* como o cavaqueador mais espirituoso e brillante do mundo parisiense, isto é, do universo; como não haviam de estes dous amaveis parentinhos procurar desenfastiar-se, dialogando e falando? Mas a pobre sobrinha não tinha um instante de seu, porque sobre ella pesavam principalmente as exigências da baroneza:—Emilia, lê-me o jornal.—Emilia, traze o tótó.—Emilia, ajuda aqui no bastidor.—Emilia, chega cá o braço para darmos uma volta pelo parque.—Emilia, toca na harpa.—Emilia, acompanha-te ao piano, para estes senhores ouvirem, aquellas lindas molinhas antigas, que já hoje ninguém sabe imitar!—Gastava-lhe o nome; assim se passavam inteiros os dias; a conversação era sempre geral, e a maioria a tornava fastidiosa.

Se houvesse meio de compensar essas horas enfadonhas? se em suavissima prática fosse possível, a abrigo de importunos prolongar o serão? Mas as ordens eram inexoráveis; ás 10 horas tocava também o Aragão de Moutereau: portas trancadas e cama... Sim? Ah meu Deus! por mais inflexíveis que sejam as leis, infringem-se.

A pousada de *Alberto* era na varanda da frente, o

que lhe dava alguma liberdade, mas que val a liberdade quando se não tem com quem falar? *Emilia*, por sua parte, descobriu meio de sair do seu quarto, e de ir por uma porta secreta de volta até a varanda; e os nossos dous Euclides resolveram o problema; podia entabolar-se o colloquio, e tomaram-se logo as disposições:

Os do quarto da prima se deitavam;
Para o segundo os outros despertavam:

Portanto todas as noites, quando a fidalga e seus hospedes roncavam em val de lençóis, *Emilia de Mirecour* se transportava a pé e pelo ámorada de *Alberto* onde ficava uma ou duas horas, já se sabe, ocupada em práticas rasoabilissimas, ou resanho a la lainha, ou em si, de qualquer modo, vingando-se de um dia aborrecido, por meio do inenente prazer de uma conversa delicada e de bom gosto. E claro como aluz meridiana que n'esses papilhos intelectuaes não se discorria senão de novidades e assumptos interessantes: da guerra da Criméa, da concordata da Austria, e da peagem do Sulha. Se a noite estava amena, passeava-se pelo parque; mas estando escura ou chuvosa, o parlamento era na sallinha pega la ao quarto de *Alberto*. Quem for muito rabujento, hafe dizer que as tais noitadas eram imprudentes, mas só por causa das apparencias, pois que uma mulher de espirito, certa de si, e enfatiando-se, dá por páos e pelras.

E também como se haviam de descobrir estas conferências? A tal casa tinha o sonno duro; e lá quanto a uma volta inopinada do marido, era coisa possível, mas estavam prevenidos todos os casos, e nenhum os apanhava descalços. Já te disse que de Paris á tal terrinha vão 40 leguas; a ultima jornada da via ferrea era ás 7 horas da noite; de sorte que, não fazendo *Mirecour* a sua apparição até ás 7 e meia, passava o perigo, e como as sessões da sallinha da varanda começavam ás 11 horas em ponto, os illustres preopinantes concorriam á assembléa sem o minimo receio.

Estava portanto o barquinho na agua; havia já paciencia para aturar os tédios do dia á espera da conversação da noite, e até direi que todos aquelles forçados mysterios duplicavam o interesse da historia; até já a baroneza lhes parecia amavel

Era uma vez uma noite. *Alberto* esperava *D. Emilia*, segundo o costume, ás 11 horas em ponto: com efeito ouve uma bulha de passos na escada.... « O relogio da casa adianta hoje » diz o maganão sorrindo-se. Abre-se a porta da saleta, e *Alberto* fica fulminado, vendo aparecer, não a mulher mas o marido, *Mirecour*!

— O senhor por aqui? — balbucia elle.

— E sem ser esperado; não é assim? e então a esta hora... Foi um fracasso; a locomotiva desengonhou-se do carril, e foram precisas 3 horas para a encaixar. O certo é que cheguei, e o jardineiro abriu-me a portinha do parque; e cuida o senhor que eu cahia no langará de bater ao portão? tó carocha. Pulei de contente, quando o jardineiro me disse que o meu amigo ainda não tinha dado ás de Villa-Diogo; que intrepido valentão não perderam

aqui os aliados! Portanto fará o favor de conceder-me hospitalidade.

— Como! pois quer ficar aqui?... — responde Alberto com um ar de terror cajaz de fazer morrer ás gargalhadas um candiço velho.

— Nem mais nem menos.

— Isto é impossivel.

— Qual? Deixe, que o não incommodo. Aqui ha a saleta e alcova; vá para a alcova e eu repingo-me em cima d'este canapé que nem um frade bento; fago de conta que é uma tarimba em noite de guarda.

Meu dito, meu feito; espernega-se o sujeitinho na marquesa, repetindo: — Ora! vou roncar como um porco.

O pobre rapaz tremia como varas verdes; olhou para o relogio de parede, eram já 10 horas e 3 quartos: a posição tornava-se critica, pavorosa, horripilante... Como havia o marido de acreditar que ella não vinha ali senão para discorrer sobre litteratura, arte, poesia, modas, noticias... Isto dos maridos são tão scepticos! de tudo duvidam!

— Não! — replica Alberto — o senhor não pode ficar ali, não consinto.

— Como! pois quer antes ceder-me a alcova?

— Não digo isso... mas tem lá para dentro os seus excellentes aposentos...

— Revolucionar a casa? está na tincta; bastava isso para aquella querida tia nos desherdar; nada, nada; gosto mais do seu canapé.

— Que heide eu fazer? — perguntava Alberto a si mesmo. Se elle sabisse para prevenir Emilia, vinha o marido atraç, e topava-a no caminho... mas faltam só 10 minutos... Mandal-o para a alcova, era o mesmo, porque só tinha uma porta de vidros sem cortinas.

— O homem! que diacho tem você? — perguntou Mirecour.

— Eu? nada.

— E que está ali com uma cara estrambolica.

E realmente estava ridicula; a agitação do espirito pintava-se-lhe na physionomia. O padecente conserva-se, de pé, no meio da casa, com as pernas a tremilhar-lhe, e as maos encostadas a uma mesinha re londa, que estava coçando com as pontas dos dedos.

— Ora diga cá; eu atrapalho-o? — continuou o marido.

— Não, senhor.

— Attrapalho, sim senhor, que eu já dei na mala; vim interrompel-o n'uma grave experiencia.

— Que quer isso dizer?

— Que bem vejo que o senhor estava fazendo gyrar essa mesa,

— Que idéa!...

E em verdade cahia a sopa no mel; isto foi no tempo da febre gyratoria das mesas e dos chapeos. Lembrou-se então Alberto, grão sectario do magnetismo, das turras que tinha tido com Mirecour, detractor das sciencias occultas.

— Pois bem, sim — respondeu elle — estava-me ocupando de uma experiencia de magnetismo. Ah o senhor ri? Abi to na a oppor-me não razões mas chufas? Nega ainda o que admitem grandes espiritos, intelligencias superiores? Contestaria factos authenticos? fecharia olhos á evidencia?

— Se uma vez me desse *provas*, acreditaria.

— Pois vai palpallas no mesmo instante. Tenho a fé e tenho o poder. A minha vontade tende os espaços, communica-se n'um fechar de olhos ao objecto do meu pensamento, e impõe-lhe obediencia cega. Diga lá qual das pessoas da casa quer que abí lhe appareça já? transmitto-lhe a ordem pelo conductor magnetico, e vem n'um instante. Quer que chame a baroneza?

— Santa Barbaja! magnetizar minha tia! decididamente quer arruinar-me.

— Então quem? sua senhora?

— Sim,

O relogio indicava onze horas menos tres minutos; era bem tempo; o magnetizador exclama:

— Está entendido. O effeito é rapido como o pensamento. Quando esse relogio der horas, hade ella aparecer... Já me ouviu... Já vem vindo...

Fallava com exaltação, com o olhar fixo, os sobr'olhos carregados, voz grave e emphatica, ar magistral de um doutor, fazendo conjuros sobre-naturaes. O marido já não ria. Davam 11 horas, e Emilia surgia á porta.

Ao encarar seu marido, parou, muda, immovel, com os braços estendidos, dilatados os olhos pela expressão de terror; tudo isto lhe corroborava as apparencias do somnambulismo.

— Agora digo que é prodigioso! — brada Mirecour.

— Pst! — diz Alberto — nem uma palavra! Deus nos livre de a accordar. Então, já acredita na potencia magnetica? bastou a minha vontade para lhe trazer aqui sua mulher, que está a dormir.

Foi o que bastou tambem para que Emilia comprehendesse.

— Agora estou convencido.

— E' inutil prolongar esta experiencia — disse Alberto — podia tornar-se perigosa.

E despediu a somnambula, com um gesto scientifico; acompanhado por estas palavras:

— Volte ja para o sitio d'onde veio!

Claro está que se elle bem o mandou, ella melhor o fez.

— Agora aproveito eu a occasião para entrar com minha mulher.

— Era o que faltava — respondeu o magnetizador. — Ignora o senhor que os somnambulos passam por caminhos onde a gente accordada os não poderia seguir? E não ha nada mais perigoso que despertal-a d'este sonno magnetico.

O bom marido tambem se convenceu, e adormeceu na marquesa, repetindo: — E' maravilhoso, mas contra factos não ha argumentos.

No dia seguinte, o convertido poz-se a debicar com a mulher, divertindo-se muito com a confusão d'ella, quando lhe afirmava que a tinha visto na vespresa á noite. A baroneza e os hospedes tambem nada comprehendiam, e Alberto interrompia labilmente o seu grande amigo, observando-lhe que sua mulher não estava ainda completamente restabelecida da exitação nervosa, e que tal revelação, nesse momento, a poderia impressionar vivamente de mais.

— Tem razão—notou o marido—mas sabe o senhor que dispõe de uma potencia bem escabrosa?

— Ah senhor! que ousaria suppor?—diz o magnetizador, revestindo-se da dignidade do sabio que, absorvido pelas suas obras sublimes, fica inacessivel ás fraquezas humanas.

— Não importa; é uma bella sciencia e quero aprender. Hade ser divertido fazer aproximar á vontade as pessoas que se deseja.

— Não basta vocação; é preciso aptidão—respondeu Alberto com tom doutoral.

Mirecour fez uma curta visita, e logo no outro dia teve de partir para ir tractar outros negocios. Recomeçaram, desde que elle virou costas, os colloquios somnambulaes? Não sei; só sim que o neophyto morreu de uma constipação, que apanhou á caça, ha um anno; e que ha mez e meio casaram os dous conversadores, naturalmente para poderem, com mais assiduidade, completar o seu curso de litteratura e conhecimentos annexos.

Ora agora para completar-te a historia, como fidigno narrador, direi que o tal meu amigo Alberto anda, ha 13 dias, merencorio e sombrio, que faz pena ver! parece que a cabeça lhe pesa 12 arrobas. E porque será? eu te conto. Dá-se elle aqui com uns maganões brasileiros, de bom gosto, que se tem divertido a enviar-lhe bilhetes anonymos, de letra muito disfarçada, que elle me tem trazido para eu lhe traduzir; eu lá torço a versão, como Deus quer, mas, se a causa dura, o pobre rapaz vai para Charenton. Eis-aqui alguns dos anonymos:

— « Illm. Sr. Alberto Cornelio. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento, e não precisa muita verga, nem muito tempo. »

Outro: — « Attentas as faculdades lucidas de Mme. Bonneville, passo a empregal-a em minhas experiencias magneticas; abro a vella aos tusões, o resto á sorte. »

Outro: — « Lá para namoro, *transeat*; mas ir ás do cabo! Se a madama tem natureza magnetica, *quod natura dat nemo negare potest*; hade-lhe succeder como á gata metamospheada em mulher. »

Outro:

Nos serros do Brasil diz certo auctor que havia
Uma namoradeira, uma sagaz bugia.
Milhões de chichiseus pela taful guinchavam,
E, por não terem aza, a cauda lhe arrastavam.
Qual, cabindo-lhe aos pés, de amores cego e louco,
Nas cabelludas mãos lhe appresentava um coco.
Qual do assucar brilhante a sumarenta cana,
E qual um ananaz, e qual uma banana.
Ella, com riso astuto, ella, com mil carertas,
Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;
Os olhos requebrava ao som de um suspirinho,
A todos promettia o mais fiel carinho;
Mas se algum lhe rogava especial favor
A' terna petição dizia — não senhor!
Recebia-os porém a todos, um a um,
E nunca os animaes ficavam em jejum.

Meu Emilio, ha por hi somnambula velhaca,
Que n'isto lhe não ganha inda a melhor macaca,

Chegou-me a lagrima ao olho com estes alti-bai-
xos da vida humana, e não tenho mais forças que
para repetir-me

Teu sincero amigo—D. JOSÉ DA PAMPULHA.

Paris, 13 de Dezembro de 1855.

PARTES POLITICA.

AS ASSEMBLEAS PROVINCIAES.

Pela presidencia da provincia do Rio de Janeiro foi designado o dia 7 de abril do corrente anno, para a eleição da nova assembléa legislativa provincial que deve funcionar no biennio de 1856 e 57; e é talvez a ultima das assembléas provinciales do imperio que se faz eleger para a presente legislatura.

O corpo eleitoral que conforme os principios da lei de 19 de agosto de 1856 foi eleito em 1852, é ainda o convocado para eleger os mais proximos representantes da provincia do Rio de Janeiro, da mesma forma que se tem procedido para com todas as outras. Este facto encerra todavia o germen de uma questão de direito constitucional, que nos não parece opportuno discutir neste lugar, mas que não declinaremos de apreciar em outra occasião. A provincia do Rio de Janeiro terá por tanto de ver ainda reunidos em commun e eleitos em commun os seus representantes provinciales, sem preferencias e sem rivalidades locaes que possam, como já tem acontecido uma outra vez, desvirtuar a adopção de medidas de manifesta utilidade. No seio das assembléas deliberativas todo o ciume pessoal ou local é um tropeço para a marcha regular e esclarecida dos negocios, um embaraço para os interesses do serviço publico.

Não se entenda, porém, das poucas palavras que deixamos escritas, que pretendemos fazer aqui a critica ou apologia de qualquer dos diferentes systemas eleitoraes que tem regido no imperio, e muito menos d'aquelle que vai ser proximamente posto em execução, substituindo o que até hoje tinhamos. A experencia sómente nos poderá habilitar para conhecer as vantagens e inconvenientes da substituição, depois de removidas todas as dificuldades que costumam empecer o desenvolvimento das idéas novas e a pratica de um processo complicado. Interpretações sophisticas e malevolas tem muitas vezes contribuido para fazer desconhecidas e inaceitaveis, mesmo no nosso paiz, reformas legislativas de utilidade reconhecida para todos os espiritos desapaixonados.

Assim, a nova eleição a que se vai proceder no dia 7 de abril, data fatidica para o imperio, é acolhida com o interesse e esperanças que costuma sempre inspirar a criação de um poder politico revestido de tão importantes atribuições como são as assembléas provinciales, e uma cohorte numerosa de candidatos ahi se prepara para disputar o verdict das urnas, e o direito de representar a rica e illustre provincla do Rio de Janeiro. Felizmente não começou ainda o movimento de exhibição dos titulos mais ou menos valiosos, á sombra dos quaes os novos concorrentes solicitam os votos dos eleitores fluminenses, e pois ainda os jornaes da corte e provincla não repercutem as recommendações pomposas com que os padrinhos costumam oferecer á consideração e protecção do publico os jovens Lycurgos, seus filhos no pleito eleitoral.

Como não será este o unico artigo que preten-

demos escrever debaixo d'este titulo, por quanto temos resolvido tomar a parte legitima de interesse que nos toca em todas as phases do movimento politico do paiz, que deve tão poderosamente influir sobre o progresso e aperfeiçoamento das sciencias e das letras, é muito provavel que consecutivamente nos ocupemos de algumas condições pessoaes e sociaes que devem concorrer nos nossos futuros legisladores, e que mesmo recommendemos ao corpo eleitoral alguns nomes que nos parecem estar no caso de desempenhar plena e satisfactoriamente o mandato legislativo da provincia.

Exercendo o poder legislativo na parte que lhe foi commettida pelo acto addicional, e compartindo com o governo da provincia, ou auxiliando-o efficazmente na adopção e execução de muitas medidas administrativas, as assembléas provincias se constituem, pela natureza de suas funções, corporações politicas de muita importancia, e de melindrosa responsabilidade moral perante o paiz, não obstante a imunidade constitucional que lhes é garantida pela lei fundamental do imperio.

N'estas circumstancias comprehende-se bem o criterio e prudencia que devem presidir á escolha dos seus membros, e os embaraços que a provincia crearia a si propria, ao seu progresso e prosperidade, se esquecendo estas regras de bom senso politico, se entregasse unicamente ao desejo de satisfazer a solicitações mais ou menos urgentes, e mais ou menos attendiveis. A experiençia que o corpo eleitoral deve ter colhido das assembléas transactas, e a comparação judicosa que pôde estabelecer entre o seu pessoal e os nossos candidatos, pôde habilitá-lo a fazer actualmente uma escolha muito esclarecida, tanto nas eliminações possiveis, quanto nas novas admissões.

A província do Rio de Janeiro, como aquella que marcha na vanguarda da riqueza, da civilisação, e da prosperidade, de entre todas as do imperio, e como aquella em que os melhoramentos materiaes se tem desenvolvido com mais energia e mais sucesso, reclama sem duvida uma assembléa illustrada, conscientiosa e dedicada, capaz de bem comprehender as suas necessidades, e de provel-as convenientemente. Cumpre que os seus membros tenham perfeito conhecimento da província sobre a qual vão legislar, do estado de suas localidades, dos interesses especiaes de cada uma d'ellas, e da oportunidade e meios adquados a satisfazel-os: convém sobretudo que tenham a sufficiencia e força moral precisa para advogar esses interesses no seio da camara, e que comprehendam perfeitamente o lado recto das questões que n'ella se podem agitar, a fim de evitar toda animosidade pessoal, e o esquecimento ou absorção d'aqueles interesses legitimos por esta animosidade ou por qualquer outro sentimento menos patriotico e menos justo.

Por mais que se tenha feito até hoje em prol dos interesses da província, e por mais desveladas e esclarecidas que tenham sido as suas administrações, é evidente que muito resta ainda por fazer, e que a tarefa da nossa assembléa que vai ser eleita não será estreme de fadigas e de gloria. Tanto melhor pois para aquelles de seus membros que souberem com-

prehender a sua missão, e que estiverem dispostos a aceitar os seus encargos, fazendo do seu desempenho um titulo valioso á gratidão da província.

Ahi estão, por exemplo, a instruçao publica, primaria e secundaria, que não parece estarem ainda assentadas sobre as melhores bases, quer na parte relativa ao pessoal e habilitações do professorado, quer na dos methodos e systemas do ensino publico.

Ahi está a divisão civil, judiciaria e ecclesiastica provincial, sobre que incumbe ás assembléas provincias legislar em virtude do § 1.º do art. 10 do acto addicional, e na qual parece que nem sempre tem sido consultados os verdadeiros interesses territoriaes da província; não se devendo esquecer que de um dia para outro podem surgir a tal respeito novas e inadmissiveis pretenções.

Ahi está o sistema das imposições provincias, a creação e distribuição da renda, que não deixa de exigir alguns retoques, já em sua fundação, e já nos meios de sua arrecadação.

Ahi está o novo e aperfeiçoado sistema de viação publica com todos os seus melhoramentos e latitude, que exige da parte da província novos e imprevistos sacrificios, e que cumprirá decretar com muito discernimento, de modo que nem sejam desattendidos os interesses commerciaes e agricolas, nem comprometidas as rendas e o futuro da província.

Ahi está finalmente a grande questão da colonisaçao, a mais importante e mais urgente para todo o imperio, e sobre a qual, com quanto aos poderes geraes incumbe legislar e providenciar em maior escala, não é todavia inhibido ás assembléas provincias tomar algumas medidas convenientes que a provoquem e solicitem, ainda mesmo com algum sacrificio de seus cofres, porque seria sempre uma despesa productiva. O que cumpre n'este caso é que o governo provincial auxilie com suas luzes a assembléa em suas deliberações, e que aquelles que se tem dado com proveito ao estudo d'estas questões, e que tem comprehendido o alcance e as dificuldades que ellas podem apresentar, contribuam com o fructo de seus estudos para esclarece-las e faze-las resolver da maneira mais efficaz e vantajosa á província.

Taes são em resumo os grandes e preciosos encargos que vão pesar sobre a nova assembléa provincial do Rio de Janeiro, dos quaes permitta Deos que ella se desempenhe satisfactoriamente.

Apartando-se de um estylo ha muitos annos adoptado em semelhantes occasões, assegura-se que o actual presidente da província não pretende d'esta vez apresentar ao corpo eleitoral uma lista de candidatos aceitaveis, recomendando-os á sua attenção e escolha, lista que havia recebido a denominação technica de *chapa*. Diz-se que o governo provincial procura d'este modo deixar aos eleitores a mais ampla liberdade de escolha, sem parecer que lhes impõe nomes determinados, e para que se não entenda que ha candidatos favorecidos e candidatos repelidos. Esta deliberação encerra sem duvida uma intenção muito louvavel, e muito de acordo com a indole do sistema representativo, e todavia não sei se haveria sempre rasoavelmente algumas restrições a fazer-lhe.

O governo não deve impôr uma chapa sua ao corpo eleitoral, é verdade; mas conhecendo d'entre os numerosos candidatos que se apresentam aquelles que mais podem coadjuva-lo no empenho de promover a prosperidade da província, em virtude de sua posição e de suas habilitações, parece que está em seu perfeito direito recommendando à apreciação dos eleitores aquelles que mais lhe parecessem reunir estas qualidades. O acordo dos diferentes poderes do Estado é uma condição essencial de qualquer organização política, e não pôde ser condenado nem pelo bom senso, nem pelos direitos e interesses da nação, nem pelos princípios da ciência governamental.

DR. REGINALDO MUNIZ FREIRE.

REVISTA SEMANAL

CORRESPONDENCIA FAMILIAR.

CARTA III,

(Ao voar da pena.)

MEU CARO AMIGO.—Conta-se que um certo embaixador turco em Portugal, vendo as loucuras vertiginosas d'aquelles bons tempos, escrevera um despacho para o seu imperador, no qual fazia constar, que o povo de Lisboa, durante trez dias do anno ficava *todo louco*, e commettia os maiores desatinos; mas que, ao quarto dia, os seus sacerdotes lhe punham, como remedio, um pó negro na testa, e então recobravam o juizo.

Creio que se o tal embaixador turco estivera entre nós, durante os trez dias do ultimo carnaval, e se elle tivesse juizo diria, que havíamos perdido o sizo, mas não o juizo. O Sr. desembargador Siqueira que foi um implacável *entrudoscida* do velho e assalvajado carnaval de nossos avoengos, deu lugar ao jovem carnaval, que tem pouco tempo de existencia, mas que já se vê tem de gosar vida folgada e milagrosa por muitos e dilatados annos. O nosso carnaval saiu o anno passado da casca, este anno já piou como um pintinho de dous dias, oxalá que para o anno seja frangão, e logo mais um galo, d'estes de raça musica, que sacuda as azas e cante, anunciando a manhã de uma civilisação de custumes populares e íntimos.

Bailes.—O baile das *Sumidades Carnavalescas* esteve explendido, aristocrático, mas animado e espansivo. Appareceram ahí alguns *customes* com riqueza e gosto.

Os socios que, em nosso parecer, mais realçaram nas reuniões pelo explendor do vestuário, pelo rigo-

rismo e exactidão do costume, foram o Snrs. Santos (Nicolão I da Russia), o Snr. J. Mello (Duque de Guise), o Snr. Marques junior (Mandarim chinez), o Snr. Braga (Postilhão da condessa du Barry), o Snr. M. Mello (Simbau-o-marítimo do conde de Monte Christo), o Snr. A. Santos (Duguay-Trouin, costume da época de Luiz XIV), o Snr. Amaral (Barão austriaco d'Anglour).

Estes são membros do Congresso. Também entre os convidados houve alguns costumes que não podemos deixar de mencionar: O Snr. Valle da Gama, filho, (Senhor de La Fronde), ostentou uma sumptuosidade, que muito condizia com a elegância de seu corpo, e por todos foi particularmente admirado, o Snr. Aguiar, filho, (Um majo elegante, costume hespanhol), o menino Palhares, (um marquez do tempo de Luiz XIV), e um menino com costume escoces.

A recepção que tiverem na rua das Violas honra a quem a fez e a quem a recebeu. Dous brilhantes arcos triumphaes, profusão de flores, e ainda mais profusão de entusiasmo, tal foi a demonstração que teve a sociedade de que o seu empenho não é só um divertimento, mas um meio poderoso de civilisação.

Entre as mais provas de deferencia e consideração que se devotou á sociedade, mencionarei o urbano e delicado convite que lhe fez o Snr. commendador Dr. Carvalho, morador na rua dos Invalidos, que serviu aos membros do Congresso com uma sumptuosa ceia, e isto acompanhado de uma hospedagem, que a todos deixou profundamente penhorados.

O passo está dado, é proseguir agora na carreira encetada: nunca mais o carnaval besuntão e assalvajado: para o anno todas as senhoras até á idade de 35 annos vestidas de phantezia, e os moços com mais espirito, compenetrando-se dos personagens que representam, e sustentando-os nas maneiras e na conversação.

O baile da *União Venesiana* esteve tambem corrido, mas ressentiu-se da fadiga dos dous bailes anteriores.

O que levou a palma a todos foi o baile da abertura do **CLUB FLUMINENSE**. Suas Magestades dignaram-se tomar parte n'elle. Toda a nobreza da nossa boa sociedade, todo o ministerio, muitos dos mais altos funcionários do estado abrilhantaram aquella luzida reunião, que esteve animada, e servida com gosto, primor e abundancia.

A contradaça de honra foi dançada por S. M. a Imperatriz com o Snr. Senador Silveira da Motta, presidente do Club, e S. M. o Imperador dançou com a Senhora do dito Snr. Presidente.

Foi pois debaixo dos melhores auspícios, que se inaugurou esta útil instituição, que para o estado da nossa sociedade era uma necessidade urgentíssima.

Casamento.—O nosso estimável amigo, o Dr. Carlos Honório de Figueiredo casou-se no dia 2 com a Exma. Snra. D. Maria Cândida de Araújo Vianna, filha do ilustrado visconde de Sapucahy, e dama de S. M. a Imperatriz.

O casamento teve lugar na capella do paço de São Christovão, na presença de SS MM., do Snr. Bispo de Chrysopolis, do Snr. mordomo mór, e de outros officiaes da casa.

Este consório tem sido universalmente bem faltado e bem fadado; porque as distintas e nobres qualidades dos dous esposos harmonisam com a sua posição social, com a sua fina urbanidade, e com todos esses dotes de coração e maneiras, que lhes tem grangeado, no trato íntimo e público, respeito e particular estima.

O Snr. Carlos Honório de Figueiredo tem sido um magistrado íntegro, o modelo dos esposos e dos amigos, a Exma. Snra. D. Maria Cândida Vianna de Figueiredo, é herdeira dada com os talentos e a ilustração de seu venerando pai; e tem sido, no exercício de dama do paço, a confidente e medianeira das magnanimas virtudes, com que a nossa virtuosa Imperatriz costuma estancar muita lagrima, e curar muitas feridas, que sangram.

Taes são os precedentes dos estimáveis esposos. Neste consório a boa sociedade do Rio de Janeiro grangeou mais uma distinta família, á qual ambitiono as felicidades e venturas de que são credores.

Theatro Lírico.—Costuma dizer-se que quando o mal é de morte não ha remedio que lhe aproveite; e é por isso que ainda pouco confio na rehabilitação da directoria d'este theatro, não obstante as duas gargantas que acabam de chegar-lhe: em vez da Dejean temos Stefeneri, *primeiro soprano dramático, absoluto*; em vez do Tamberlic temos o *baixo Suzini*. Ver para crer, como diz o folhetinista do *Correio Mercantil*; muito primeiro cartello tem virado em papel de embrulho, e em palavras de cartazes «da verdade menos de metade.»

Tenho ouvido dizer que é máo signal quando o doente muda de cabeceira: o herpe da morte lavra-lhe pelos membros e está proximo a apagar-se-lhe o

lume da vida. Ora que a directoria do barracão lírico está em plísica de terceiro grão isso ninguem duvida; e estar a mudar de cantoras, que sabemos o que são, com numerosas pleiades de admiradores como as Snras. Charton e Casaloni, por outras que não sabemos o que serão, e a conservar-nos os insuportaveis Dufrene, Capurri, e Sicuro, é mesmo de quem está nas agonias da morte.

Seja-lhe leve o pó das pateadas, e fresca a mortilha d'esses belbutes mareados, que ha vinte annos já eram alcaides, e que para o theatro sahiram da alfandega, pelo preço dos direitos da reforma das pautas.

Lythographia biographica.—A propósito de theatro lírico remetto-lhe um retrato de madame Charton desenhado e lythographado pelo Snr. Sisson, e impresso na lythographia imperial do Sr. Rensburg. O crão, e a impressão parecem-me de um acabado perfeito; mas os traços phisionómicos não me parecem fieis: se não fosse a assignatura da illustre artista eu não me lembraria dizer que era o seu retrato.

Polemica Jornalistica.—Remetto-vos um folheto de 70 paginas, que contém a polemica havida em Lisboa, entre dois anonymos e o Snr. Dr. Alexandre Magno de Castilho ácerca do Snr. Barão de Moreira, consul geral de Portugal n'esta cidade.

Aborrece e naucea já as furibundas diatribes com que este cavalheiro é aggredido de tempos a tempos por aquelles, que mais o deviam acatar e respeitar. Uma guerra atrabilaria mais ao lugar, do que á pessoa, mais ao rendimento, do que ao logar, tal é, em summa, a origem e sim d'esses castellos de nuvens, que os factos officiaes desfazem e aniquilam.

E tão atrabilaria é a guerra que se faz á pessoa, que até se inculpa ao consulado a supposta transgressão de leis, cuja superinfendencia compete ao governo portuguez, ou ao seu ministro n'esta corte.

A resposta do Snr. Castilho foi triunfante; e todos os homens sensatos e desapaixonados a tem apreciado.

O Snr. Barão de Moreira deve descansar e confiar na boa opinião, que d'elle formam o governo portuguez e o brasileiro, na estima e consideração do corpo diplomático e consular, na dedicação dos seus numerosos amigos, e no respeito do geral dos portuguezes, subditos do seu soberano.

São tão pequeninas essas questões de papeletas e reclamações de marinheiros, contractos de colonos que nem vale a pena tomar nota d'ellas. Só uma ig-

norância crassa do direito internacional, das leis consulares, da lei de locação de serviços é que pôde crismar essas suppostas abherrações do direito em escravaria branca, etc.

Não seria mais prudente que esses portuguezes, capitaneados por um homem suscito, e que tanto se importam com estas cousas, lavassem a sua roupa em familia, e não estivessem a dar um escandalo de desrespeito a um funcionario, que os seus governos de mais de vinte annos tem sustentado, honrando e premiado?

O Snr. Barão de Moreira é um funcionario essencialmente coûmercial, e não ministro, nem encarregado de negocios. Nas suas relações com o commercio não ha uma só queixa official contra elle: gosa de legitima influencia no animo dos comerciantes, é considerado por todos como um cavalheiro da primeira distincão e das mais urbanas maneiras, e somente guerreado por um individuo, que julgou conveniente devotar-se a estes escandalos.

Que conceito pôde merecer o estrangeiro, que na terra hospitaleira, é o primeiro a desrespeitar as auctoridades da sua nação, e busca desmoralisar os seus actos, desvirtuando-os e calumniando-os?

A resposta será a melhor resposta a esse pruido jornalistico de que se occupou o Snr. Castilho, e que consta do folheto em questão.

E' prudente, é da mais alta conveniencia acabar-se com estas cousas, especialmente nas vespovas da agitação de uma questão social, que muito se pôde resentir d'estas imprudencias.

Concluirei este topico com uma observação. E' exactamente quando mais reducrese a celeuma contra o Snr. consul geral, que o seu governo entende deve-lo condecorar. Já por trez ou quatro vezes sucedeu, que em quanto aqui se lhe *fazia a cama*, vinha pelo mar uma bomba official, que desmanchava a igrejinha. Ora ha pouco lhe veio o titulo de barão, que se pôde dizer ainda em folha, e já os publicistas estão provocando o acceso de visconde.

Se acreditam na theoria das coincidencias, se acreditam na influencia da fatalidade, é preciso mudarem de estrategia para derrubar os moinhos de vento.

Ascensão aerostatica. Pela segunda vez o Snr. Eduardo Haill fez a sua ascenção aerostatica; e é escusado dizer-lhe que houve uma numerosa concurrencia no campo, onde se ia *gratis*: no lugar onde inchava o balão e cuja entrada era por dinheiro estava pouca gente.

A fôra que o governo não entenda dever proteger estas ascenções, ou para espectaculos populares, ou para os interesses da sciencia, o intrepido aeronauta não deve expor-se a gastar o seu latim, e a metter-se n'um tão imminente risco de vida só pelo gostinho de ir respirar um ar livre, que pôde provocar-lhe suores frios, divertir o povo, e por sim de contas não lhe dar a receita para metade da despeza.

Conflictio lyrico. Temos novidade nos campos de Agramante, temos conflicto de saias lyrics. A Snra. La-Grua, que é a nossa *enfant gâté* por embargos de terceira senhora e possuidora ao *Ernani*, que se tinha destinado para o debute ou estréa da nova prima-dona: e foi logo com os seus reclamos á instancia superior, o que dá a entender que a directoria olha para a Snra. La-Grua como se olha para uma folhinha no sim do anno, isto é, quando já se tem comprado a do anno proximo.

Não sei os pormenores do conflicto, mas a impressão publica é toda contra a Snra. La-Grua. Devia esta senhora lembrar-se que teve o generoso acolhimento de uma collega, quando aqui chegou, e que devia agora fazer outro tanto, embora esta ao depois fizesse o mesmo que ella tem feito.

Negar uma opera para debute d'uma collega é pouco generoso, especialmente da parte de uma artista que já tem uma reputação, e numeroso partido.

Mas quem sabe se sobre o telhado do *provisorio-difinitivo* gira algum cometa que influa na falta de generosidade?

O procedimento da directoria para com o distinto artista J. C. dos Santos assim o quer dar a demonstrar. É revoltante o procedimento chicaneiro e mal intencionado que ella tem com uma classe, a quem o mais horrivel dos crimes reduzio á miseria.

Para estrangeiros, que desertam do covado e do balcão, e que se servem do covado e do balcão para irem pescar em aguas turvas dá-lhes o governo um theatro e uma subvenção de 120:000 \$ 000, a um artista que todo se tem consagrado ao progresso da arte dramatica fecham-se-lhe as portas de um theatro arruinado moral e materialmente, desacata-se uma ordem do governo, desrespeita-se a vontade do Monarcha, e isto por quem?...

Repto, parece-me revoltante o procedimento da directoria do theatro lyrico: d'elle se deve tirar desforço: é preciso acabar com esta insolencia com que se atropela as ordens do governo, a vontade do Monarcha, e se contraria a opinião publica.

E' cobarde e infame o procedimento da directoria:

ella que se justifique, se pôde, aliás o governo faça o que lhe cumpre. E' preciso dar uma lição a esses pescadores de aguas turvas!

Vamos a ver em que isto pára. Na minha primeira serei mais extenso.

O AMIGO DA CORTE AO DA PROVINCIA.

POESIA.

A poesia, que hoje transcrevemos, é de um distinto litterato, que ainda é poeta de muita ceiva na idade de 64 annos. O Sr. Antonio José Domingues, residente em Pelotas, e ahí a primeira honra do profissionado é um d'estes the-souros de erudição e talento, que vivem escocidos, e quasi ignorados dos contemporaneos.

Os leitores da *Religião*, periodico litterario e religioso, que se publicou em 47 ou 48, conhecem o distinto poeta, que, por mais de uma vez, honrou as columnas d'aquella folha. Ha pouco vimos na *Imprensa* do Rio Grande um eloquente discurso por elle pronunciado na inauguração do Asylo das Orphãs desvalidas de Pelotas; e quando outros titulos á consideração publica não tivesse o Sr. Domingues bastava-lhe esse grande esforço de uma grande intelligencia.

A *Semana* conta com a colaboração do distinto litterato. Agora está elle trabalhando n'um pequeno poema, consagrado á exaltação do joven rei de Portugal, de que logo mais daremos um transumpto a nossos leitores. No entretanto iremos dando publicidade a algumas poesias e artigos seus, com que fomos obsequiados.

UMA LIÇÃO.

« Donzelinha, por que vens,
Palida, e triste correndo?
Por que vejo esses teus dedos,
Sanguineas gotas vertendo?
Quem tanto assim te assustou,
E teu vestido manchou
D'esse licor purpurino?
Dize-me, virgem formosa,
Quem pungiu da têz mimosa
O tecido alabastrino? »

N'isto Delia inda assustada,
Me responde espavorida:
— Que o rosal de seu jardim,
A deixára assim ferida:

« Caras rosas, eis exclama,
Que tem de bellas a fama,
Que abrigam tanta crueza!
Por que pôz o Creador,
Que é todo fonte de amor,
Tacs espinhos na belleza?

« Queres saber, lhe replica,
Por que o Pai Universal,
Muniu de agudos espinhos
As flores do teu rosal?
A divina previsão
Te deu sublime lição,
Que te diz; Tens, como a rosa,
Perfume, belleza, e cõr
Deves pois, como esta flor,
Attrahir, mas cautelosa.

« Estes espinhos que vês,
Da rosa o pé circular,
Te ensinam como tu deves
Intacto o pejo guardar:
Concentra, Virgem donosa,
Esta lição preciosa,
Dentro do teu coração;
Nunca paixões delirantes,
Te roubem, nem por instantes,
Pudor, virtude, e razão.

ANTONIO JOSE DOMINGUES.

EXPEDIENTE.

A empreza recebe quaesquer artigos litterarios, scientificos ou administrativos, isto é, sobre melhoramentos materiaes, e outras quaesquer notícias de interesse litterario, scientifico, artistico ou historico, subjetando-se seus autores ás convenientes modificações que por ventura entenda a redacção dever-lhes fazer.

A exposição de opiniões scientificas, politico-administrativas, de litteratura e de artes, serão admittidas, mas não controvérsias sobre qualquer objecto: será porém tolerada uma discussão calma, reflectida e conveniente. Sob este ponto de vista podem ser colaboradores eventuaes da *Semana*, quaesquer escriptores.

Os que não quizerem ser conhecidos da redacção, sem depois de aprovado o seu artigo, poderão mandar est-acompanhado de uma cedula lacrada, que só será aberta depois de aprovada a sua publicação: o que não for aprovado poderá ser retirado com a cedula, o que se fará constar no expediente.

A empreza aceita, e agradece, quaesquer dados estatisticos, quaesquer informações de repartícões, de collegios, de estabelecimentos, ou emprezas de melhoramentos materiaes ou industriaes, de associações litterarias, ou artisticas, em summa tudo quanto possa interessar o círculo de nossos leitores, debaixo do ponto de vista litterario, administrativo, e de historia anedotica e contemporanea.

TYP. FLUMINENSE DE D. L. DOS SANTOS,
Rua dos Ciganos, N.º 23.